

**BRUCE  
DICKINSON**  
*Uma Autobiografia*



# BRUCE DICKINSON

*Uma Autobiografia*

TRADUÇÃO DE JAIME BIAGGIO



Copyright © Bruce Dickinson 2017

Publicado em inglês pela HarperCollins Publishers Ltd.

Direitos morais do autor assegurados.

TÍTULO ORIGINAL  
What does this button do?

PREPARAÇÃO  
Ângelo Lessa  
Carolina Rodrigues

REVISÃO TÉCNICA  
Leonardo Habersfeld

REVISÃO  
Édio Pullig

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA  
Claire Ward

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira | Equatorium Design

FOTOS DE CAPA  
© John McMurtrie (frente); © Ross Halfin (quarta capa e lombada); © Shutterstock (orelhas)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D547p

Dickinson, Bruce, 1958-

Para que serve esse botão : uma autobiografia / Bruce Dickinson ; [tradução Jaime Biaggio]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.  
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: What does this button do?  
Inclui encarte de fotos  
ISBN 978-85-510-0314-5

1. Dickinson, Bruce, 1958-. 2. Iron Maiden (Conjunto musical). 3. Cantores - Inglaterra - História. 4. Músicos de rock - Inglaterra - Biografia. I. Biaggio, Jaime. II. Título.

18-47383

CDD: 927.824166  
CDU: 929:78.067.26

[2018]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Paddy, Austin, Griffin e Kia.  
Se a eternidade falhar, vocês ainda estarão lá.*



# Sumário

Prefácio, 9

Nascido em '58, 11

Vida em Marte, 19

Queria uma escola? Conseguiu, 24

Desabrochar angelical, 29

A vingança do filhinho de papai, 33

Uma jornada inesperada, 41

Tranquem suas filhas, 51

Minivândalo, 56

Na trilha dos cães, 62

Um conto baseado, 68

Uma cruzada heavy metal, 76

Presunto dos deuses, 86

Vizinho da besta, 91

O grande carro, 104

Embarcando no vagão, 115

Nova bateria, 121

Tubos de um órgão, 132

Powerslave, 135

Cortinas de ferro, 140

Neve, couro e bondage, 146  
Os meninos do Brasil, 150  
Muito a cortar, 154  
Você vai acreditar que um baterista pode voar, 158  
Isso é holandês para mim, 165  
Você não pode estar falando sério, 172  
Moonchild, 179  
Trucidando filhas, 184  
Linhas de falha, 190  
Louco por asas, 195  
Fora da frigideira, 206  
Sob fogo cruzado, 209  
Pirata na rádio, 224  
Edison e o momento eureka, 229  
Troca de cérebros, 236  
Primeiros passos no Goose, 242  
Voar, desviar, 248  
Setembro negro, 253  
Por pouco, 257  
Bruce arrumadinho, 265  
O que poderia dar errado, 268  
Bruce Air, 272  
Alquimia, 279  
Experiência amarga, 283  
Enfrentando a tempestade, 294  
Foda-se o câncer, 297

Posfácio, 316  
Agradecimentos, 317  
Créditos das imagens, 318

# Prefácio

Fazia duas horas que eu voava em círculos sobre Murmansk, mas os russos não nos deixavam pousar.

— Autorização para pouso negada — diziam com o melhor sotaque de Mr. Chekov, do seriado *Star Trek* original.

Não sabia se aquele controlador era fã de Iron Maiden, mas de qualquer forma ele jamais teria acreditado em mim; um astro do rock fazendo bico como piloto de avião comercial — inacreditável. Independentemente disso, Eddie não estava a bordo e aquele não era o Ed Force One. Era uma expedição de pesca.

Um Boeing 757 da Astraeus Airlines com duzentos assentos vazios e eu como copiloto. Só havia vinte passageiros na rota Gatwick–Murmansk: um monte de caras com segurança pessoal cerrada, todos armados até os dentes. Não que lorde Heseltine precisasse. Sabia manejar um bastão muito bem caso fosse necessário. E havia ainda Max Hastings, ex-editor do *Daily Telegraph*. Estava a bordo, também. Será que o controlador russo havia lido algum de seus editoriais? Acho que não.

— Que tipo de peixe há em Murmansk? — perguntei a um dos caras.

— Peixes especiais — respondeu ele, impassível.

— Peixes grandes? — sugeri.

— Bem grandes — concluiu, saindo da cabine.

Murmansk era o quartel-general da Frota do Norte soviética. Lorde Heseltine era ex-secretário nacional de Defesa, e o que Max Hastings não soubesse a respeito das forças armadas do mundo não valia a pena publicar.

## BRUCE DICKINSON

O mundo abaixo de nós era secreto e obscuro, submerso sob um leito algodoado de nuvens baixas. Para negociar, eu Dispunha de um rádio e de um velho celular Nokia. Incrivelmente, ele captava o sinal em meio a cada órbita-padrão de espera, e eu podia mandar mensagens ao setor operacional da companhia, que falava com Moscou por meio da embaixada britânica. Não havia telefone por satélite nem GPS, nem iPad, nem Wi-Fi.

Como diz James Bond a Q no início de *007 — Operação Skyfall*: “Uma arma e um rádio. Não estamos exatamente no Natal, não é?”

Depois de duas horas voando em círculos, física e metaforicamente, as regras do jogo mudaram:

— A não ser que vocês se afastem, vamos abatê-los.

Um dia, pensei enquanto dava meia-volta rumo a Ivalo, na Finlândia, eu devia escrever um livro sobre isso.

# Nascido em '58

Os eventos que se fundem para formar uma personalidade interagem das formas mais estranhas e imprevisíveis. Eu era filho único, criado até os cinco anos pelos meus avós. Leva um tempo até que se entenda a dinâmica de uma família, e para mim a ficha demorou a cair. Minha criação, percebi, foi um misto de culpa, amor não correspondido e ciúme, mas tudo revestido por um opressivo senso de dever, de obrigação de fazer o melhor possível. Percebo agora que não havia muito carinho, mas tinha uma razoável atenção a detalhes. Eu poderia ter me saído bem pior, dadas as circunstâncias.

Minha verdadeira mãe se casara jovem, às pressas, com um soldado ligeiramente mais velho. Ele se chamava Bruce. Meu avô materno fora encarregado de supervisionar o namoro, mas não estava à altura da tarefa, mental ou moralmente. Suspeito que simpatizava em segredo com os jovens amantes. Ao contrário da minha avó, cuja filha única estava sendo roubada por aquele rufião que nem sequer era do norte, mas um intruso das planícies e da desolação salpicada por gaiotas da costa de Norfolk. O leste da Inglaterra, seus brejos e charcos — um mundo que, há séculos, é o lar dos não conformistas, dos anarquistas, da vadiagem e de uma vida ganha a duras penas, garras fincadas na terra recuperada.

Minha mãe era *mignon*, trabalhava em uma sapataria e havia ganhado uma bolsa de estudos na Royal Ballet School, mas fora proibida pela mãe de ir a Londres. Ao ter negada a chance de viver seu sonho, se agarrou ao próximo

sonho que apareceu, e eu fui o resultado. Eu costumava contemplar uma foto dela, em que estava na ponta dos pés, provavelmente com uns quatorze anos. Parecia impossível que fosse minha mãe, uma jovem estrela com jeito de fadinha e cheia da alegria mais pura. O retrato no alto da lareira representava tudo o que ela poderia ter sido. Agora, a dança deixara seu corpo e só lhe restava tempo para o dever — e um gim-tônica aqui e ali.

Meus pais eram tão jovens que é impossível dizer o que eu teria feito se estivesse no lugar deles. Sua meta de vida era educação e progresso para além da classe operária, mas trabalhando em mais de um emprego. O único pecado era não se esforçar.

Meu pai era bastante sério em relação a várias questões e se esforçava muito. De uma família de seis, era filho de uma camponesa vendida e submetida a regime de servidão desde os doze anos e de um depravado estivador e motoqueiro local, capitão do time de futebol de Great Yarmouth. As máquinas e o mundo dos mecanismos, dos ajustes, dos projetos e da arte de desenhar eram o grande amor da vida de meu pai. Ele amava carros e dirigi-los, ainda que considerasse que as leis referentes a limites de velocidade, cintos de segurança e dirigir embriagado não se aplicavam a ele. Depois de perder a carteira de motorista, se apresentou como voluntário para o exército. Voluntários ganhavam melhor do que os recrutados, e o exército não parecia muito exigente no que dizia respeito a quem dirigia os jipes.

Carteira de motorista (militar) instantaneamente restituída, os talentos de engenheiro e a mão certa renderam-lhe um emprego desenhando planos para o fim do mundo. Ao redor de uma mesa em Düsseldorf, marcava cuidadosamente os círculos de extermínio em massa esperados para o previsto apocalipse da Guerra Fria. No restante do tempo, é de se imaginar, bebia uísque para afogar o tédio e a desesperança daquilo tudo. Foi ainda durante o período de alistamento que esse musculoso campeão de natação — borboleta, nada menos — de Norfolk arrebatou minha mãe bailarina desgarrada.

Como rebento indesejado do homem que lhe roubara a única filha, para minha avó Lily eu representava a prole de Satã, enquanto para meu avô Austin eu era o mais próximo que ele chegaria de um filho homem. Nos primeiros cinco anos da minha vida, eles foram *in loco parentis* para mim, na prática. Para uma primeira infância, foi bem decente. Havia longas caminhadas no bosque, tocas de coelho, pôres do sol inverniais assombrosos na planície e o brilho difuso da geada sob céus púrpura.

Meus pais de verdade viajavam a trabalho, se apresentando em um clube noturno atrás do outro com seu número de cães amestrados — ou seja, poodles, arcs e malhas justas no corpo. Vá entender.

O número 52 na casa em Manton Crescent era pintado de branco. Era uma casa padrão de tijolos da habilitação social, em uma rua de casas geminadas. Manton Colliery era uma mina subterrânea de carvão, onde meu avô trabalhava.

Meu avô era mineiro desde os treze anos. Pequeno demais para ser autorizado a trabalhar, mentiu ardilosa e descaradamente quanto à idade e altura, que, como a minha, não era muita. Para driblar a regra segundo a qual deveria ser alto o bastante para descer até o poço “e sua lanterna pendurada à correia presa no cinto não arrastar no chão”, ele simplesmente dava alguns nós na correia. Quase foi para a guerra, mas acabou por não passar do portão do jardim. Integrou o exército territorial como voluntário em meio expediente, mas, como a mineração de carvão era considerada serviço essencial, não precisou lutar.

Assim, lá estava ele de uniforme, a postos, quando seu pelotão partiu para o combate na França. Foi um daqueles momentos *De volta para o futuro*: se aquele portão de jardim tivesse sido aberto e ele tivesse ido para a guerra com seus companheiros, muita coisa não teria acontecido, inclusive eu. Minha avó postou-se, desafiadora, mãos na cintura, à porta de casa. “Se você sair por esse diabo desse portão, quando voltar não estarei aqui”, disse ela. Ele ficou. A maior parte do regimento jamais retornou.

Com um avô mineiro, tínhamos moradia garantida e recebíamos carvão de graça, e a arte de fazer fogo a carvão para aquecer a casa me tornou piromaníaco para o resto da vida. Não tínhamos telefone, geladeira, aquecimento central, carro ou banheiro dentro de casa. Usávamos a geladeira dos outros e possuíamos uma pequena despensa, úmida e fria, da qual eu fugia como o diabo da cruz. Para cozinhar, duas chapas elétricas e um forno a carvão, embora eletricidade fosse vista como um luxo a ser evitado a todo custo. Tínhamos um aspirador de pó e meu utensílio favorito, uma calandra — dois cilindros que torciam a água da roupa lavada. Uma alavanca enorme fazia girar o maquinário, e lençóis, camisas e calças eram despejados em um balde depois de espremidos pelos cilindros.

Para mim, havia uma banheira portátil de plástico, pois meu avô usava os lavatórios da mina e já ia de banho tomado para casa. Às vezes, voltava do pub, fedendo a cerveja e cebola, e se aconchegava na cama junto a mim, roncando alto. À luz da lua que cortava as diáfanas cortinas, dava para ver as cicatrizes azuis que lhe adornavam as costas: suvenires de uma vida debaixo da terra.

Tínhamos um paiol onde martelávamos pedaços de madeira. Para quê, não faço ideia, mas para mim servia de esconderijo. Virava uma nave espacial, um castelo ou um submarino. Dois velhos dormentes de ferrovia no nosso pequeno quintal me serviam de barco a vela, e eu pescava constantemente na borda, capturando tubarões que viviam nas fraturas do concreto. Havia um canteiro e alguns crisântemos de vida breve que se esvaíram em fumaça certa noite de fogueira, depois que um rojão se desgarrou.

Não tínhamos animais de estimação, a não ser um peixinho dourado chamado Peter que viveu por um tempo estranhamente longo.

Mas algo que possuíamos de fato era... uma televisão. A presença desta TV redirecionou o foco de toda a minha tenra infância. Pela lente de sua tela — sete ou oito polegadas, em preto e branco granulado — um vasto mundo me chegava. Era à válvula, levava vários minutos para esquentar e, ao ser desligada, a luz se esvaía lentamente de forma singular, o que era por si só algo digno de se ver. Recebíamos visitantes que vinham observá-la, acariciá-la, sem nem sequer assistir a nada, tal era sua mística. No painel frontal, botões e mostradores misteriosos eram girados como segredos de cofre e através deles era possível selecionar os dois únicos canais disponíveis.

O mundo exterior, ou seja, qualquer lugar fora de Worksop, era acessado basicamente por meio de fofocas — ou pelo *Daily Mirror*. O jornal era usado para acender o fogo, e eu em geral lia as notícias com dois dias de atraso, pouco antes de serem consignadas ao inferno. Quando Yuri Gagarin tornou-se o primeiro homem a ir ao espaço, lembro-me de olhar para a foto e pensar: *A gente vai queimar isso?* Dobrei a página e guardei-a.

Se fofoca ou jornal velho não dessem conta, talvez fosse preciso um telefonema para o mundo exterior. A grande cabine telefônica vermelha servia de centro de distribuição de tosse, resfriados, gripe, peste bubônica, “a doença que imaginar você pega”, para toda a vizinhança. Sempre havia fila nas horas de pico e uma combinação infernal de botões a apertar e discos a girar para se fazer uma ligação, sendo necessários baldes de moedinhas para conversas longas.

Parecia uma versão bastante inconveniente do Twitter, com palavras contadas em função do custo e dos olhares vingativos das outras vinte pessoas à espera na fila para inalar a essência de fumaça e saliva do bocal e pressionar junto à cabeça o fone de resina sintética suado e oleoso do cabelo alheio.

Havia certos códigos de conduta e procedimentos a se obedecer em Worksop, ainda que a etiqueta de suas ruas fosse bem relaxada. Havia pouco

crime e quase nenhum tráfego. Meu avô e minha avó andavam para todo lado ou pegavam o ônibus. Caminhar cinco ou quinze quilômetros atravessando campos para trabalhar era simplesmente algo que haviam sido criados para fazer, e então eu fazia também.

Toda a vizinhança vivia em estado permanente de atenção aos turnos de trabalho. Cortinas fechadas durante o dia no andar de cima significavam “Passe na ponta dos pés — mineiro dormindo”. Cortinas fechadas na frente da casa: “Passe rápido — cadáver depositado na sala para inspeção.” Essa prática macabra era bastante popular, ou assim dizia a minha avó. Eu me sentava na nossa sala — permanentemente congelante, mortalmente silenciosa, adornada com medalhas de arreo e candelabros que demandavam polimento constante — e imaginava onde o corpo poderia jazer.

À noite, a atmosfera mudava e nossa casa virava uma tirinha viva de Gary Larson. Cadeiras dobráveis de madeira transformavam o local em um salão de cabeleireiro instantâneo onde o azul era cor única e não havia outro penteado que não o bolo de noiva. Mulheres com joelhos enormes e toucas de plástico na cabeça evaporavam lentamente embaixo de lâmpadas incandescentes enquanto minha avó lhes fritava a cabeça, fazia bobs e produzia aquele cheiro horrível de cabelo molhado e xampu industrial.

Minha válvula de escape era meu tio John. No que se refere a qual botão apertar a seguir, ele foi uma referência das mais importantes.

Para início de conversa, ele não era meu tio. Era meu padrinho — melhor amigo do meu avô —, integrava a RAF, Força Aérea Real, e havia lutado na guerra. Rapaz brilhante de classe operária, fora sugado por uma RAF em expansão, que necessitava de ampla gama de habilidades tecnológicas em falta, como um dos aprendizes do marechal Trenchard. Engenheiro elétrico durante o Cerco de Malta, o 1º Sargento John Booker sobreviveu a alguns dos bombardeios mais enervantes da guerra em uma ilha que Hitler estava determinado a esmagar a qualquer custo.

Fiquei com suas medalhas e uma cópia de sua Bíblia, com versículos devidamente assinalados para servir de alento em uma época em que as perspectivas deviam ser inimaginavelmente sombrias. E há fotos; em uma delas, ele aparece em pleno aparato de voo, a ponto de esgueirar-se em uma operação aérea noturna que, como membro da equipe de solo, era absolutamente desnecessária para ele — feita só porque lhe deu vontade.

Sentado no seu joelho, ele me regalava com suas histórias de aviação enquanto eu tocava sua medalha prateada do curso de pilotagem de Spitfires e

o aeromodelo de latão de um Liberator quadrimotor, com hélice de acrílico feita a partir de peças derretidas de um Spitfire abatido e um pedaço de feltro verde aplicado à base de madeira, cuja origem era uma mesa de sinuca despedaçada em um clube noturno bombardeado em Malta. Ele falava de dirigíveis, da história da engenharia na Grã-Bretanha, de motores de avião, bombardeiros Vulcan, batalhas navais e pilotos de testes. Inspirado, eu perdia horas, como tantos meninos da minha geração, brincando com transfers — depois passei a usar decalques, que pareciam muito mais inteligentes. É um milagre que meus pilotos de plástico tenham sobrevivido a qualquer combate, levando-se em conta que seus corpos viviam inteiramente cobertos por cola, e seus canopis, por marcas de dedos. Surpreendentemente, a loja de aeromodelos em Worksop, a partir da qual ergui minha força aérea de plástico, ainda estava lá da última vez que chequei, por ocasião do funeral da minha avó.

Como tio John era um sujeito de inclinação técnica, fizera o próprio lago artificial do tamanho do reservatório de Möhne, cheio de peixinhos vermelhos e devidamente cercado por arame de galinheiro, e dirigia um esplêndido Ford Consul que, claro, era imaculado. Aquele carro me conduziu ao meu primeiro espetáculo de aviação, no início dos anos 1960, época em que precauções de saúde e segurança eram frescura e o termo “redução de ruído” nem sequer era de uso corrente.

Jatos como o Vulcan, com suas gigantescas asas em delta, faziam o chão tremer e chacoalhavam telhados ao executar manobras verticais em espiral, enquanto o English Electric Lightning, basicamente um rojão supersônico com um homem empoleirado em cima, chispava de cabeça para baixo, a cauda quase tocando a pista de pouso. Era impressionante.

Tio John me apresentou ao universo das máquinas e dos mecanismos, mas eu me sentia igualmente atraído pelas locomotivas a vapor que ainda operavam na estação de Worksop. A passarela e a própria estação continuam praticamente como eram na minha infância. Juro que o mesmo madeiramento que pisei quando garoto ainda existe. As nuvens de fumaça, vapor e cinzas que me encobriam se misturavam ao bafo de alcatrão do betume para irritar minhas narinas. Faz pouco tempo caminhei até a estação, ida e volta. O caminho me pareceu longo para cacete, mas na infância aquilo não era nada. O cheiro continua no ar.

Eu teria facilmente escolhido ser maquinista, ou então piloto de caças... e, se ficasse entediado, astronauta era sempre uma possibilidade, ao menos nos meus sonhos. Na infância, nada se perde.

Em algum momento a diversão precisa acabar, e assim fui para o colégio. A Manton Primary era a escola local para filhos de mineiros. Antes de ser fechada, chegou a se tornar notória junto aos leitores do *Daily Mail* como a escola em que meninos de cinco anos batiam nos professores. Bem, não me lembro de ter batido em nenhum professor, mas fui agraciado com asas e também com lições de boxe depois de uma confusão relacionada a quem faria o papel do Anjo na peça de Natal. Estava doido por aquelas asas, mas acabei tomando uma boa sova na briga que se estendeu para fora dos portões da escola. O resultado não teve nada de satisfatório. Quando voltei para casa, todo desganhado e com a roupa rasgada, meu avô fez com que me sentasse e abrisse as mãos, que eram macias e rechonchudas. Já as dele eram ásperas como lixas, com nacos de pele calejada agarrados feito fiapos de coco às linhas profundas que se desvelavam quando ele abria as palmas. Ainda me lembro do brilho nos seus olhos.

— Agora feche o punho, rapaz — disse ele.

Obedeci.

— Desse jeito não. Vai quebrar o polegar. Assim.

E me mostrou como fazer.

— Assim? — perguntei.

— Isso. Agora soque minha mão.

Não foi exatamente um *Karatê Kid* — nada de ficar de pé em uma perna só na beirada de um barco, nenhum momento hollywoodiano do tipo “encerar para dentro, encerar para fora”. Mas após mais ou menos uma semana ele me chamou em um canto e, muito gentilmente, mas com uma determinação pétreia na voz, disse: “Agora vá lá catar o garoto que lhe bateu. E dê um jeito nele.”

Obedeci.

Acho que nem vinte minutos se passaram até eu ser puxado pelo professor e arrastado à força e com veemência até em casa. Minhas lições de boxe haviam sido efetivas demais, e meu juízo, aos quatro ou cinco anos, sem muito discernimento.

As batidas na caixa de correio evocaram à porta um avô impassível: chinelos, camiseta regata e calças largas. Não me lembro do que o professor falou. Só lembro que meu avô disse: “Vou dar um jeito nisso.”

E assim fui liberado.

O que tomei não foi nem uma surra nem uma bronca, mas reprovação silenciosa e uma preleção sobre moralidade em brigas de rua e regras do jogo, que basicamente se resumiam a não intimidar pessoas, saber se defender e

nunca bater em mulher. Gentil, piedoso e meticulosamente decente, nunca deixava de proteger o que importava para ele.

Nada mal para 1962.

Em meio a tudo isso, meus pais de verdade, Sonia e Bruce, haviam retornado do circuito de espetáculos de cães amestrados e viviam em Sheffield. Visitavam-nos aos domingos, na hora do almoço. O rádio de baquelite marrom e creme que vivia ligado nessas ocasiões está até hoje comigo. Sempre tratavam de assuntos um tanto tensos, que me deixaram com uma aversão eterna a refeições à mesa, além de gim-tônica e batom. Eu empurrava a comida pelo prato e ouvia um sermão para comer a couve-de-bruxelas e ficar atento aos riscos de não se comer quando o alimento é racionado, o que, óbvio, não era mais o caso, mas essa realidade ninguém conseguia compreender. Esta mesma ressaca do pós-guerra nos limitava a 7,5 centímetros de água para banho, gerava ansiedade quanto ao uso de eletricidade e medo mórbido do torpor psicológico causado por falar demais ao telefone.

As conversas eram salpicadas por desastres locais. Não sei quem teve um derrame... a tia sei lá qual caiu da escada... a gravidez na adolescência come solta... um coitado havia afundado os pés na crosta de uma das muitas pilhas de refugio ao redor do poço que estava repleta de brasas incandescentes por baixo, e as queimaduras foram horríveis.

Logo após um almoço de domingo específico, em que comi a couve-de-bruxelas e o frango que antes ciscava pelo quintal, chegou a hora de seguir em frente na vida e me mudar para a casa dos meus pais. Com o tio John eu sempre me sentava no banco da frente, mas agora fora acomodado no de trás, observando pelo vidro traseiro enquanto os primeiros cinco anos da minha vida sumiam à distância — e depois virando à esquina.

Finalmente voltei-me para a frente, para o futuro incerto. Eu sabia lutar um pouco, havia capturado vários insetos nojentos, comandado minha própria força aérea e estava bem perto de desafiar a gravidade. Viver com os pais — seria tão difícil assim?